



Revista Latinoamericana de Psicopatologia
Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental
Brasil

Viana Campos, Érico Bruno; Coelho Jr., Nelson Ernesto

O conceito de alucinação em Merleau-Ponty: aspectos clínicos e psicopatológicos

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. V, núm. 2, junho, 2002, pp. 13-27

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017673002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O conceito de alucinação em Merleau-Ponty: aspectos clínicos e psicopatológicos*

Érico Bruno Viana Campos e Nelson Ernesto Coelho Jr.

O artigo propõe-se a discutir o conceito de alucinação nos campos psicoterápico e psicopatológico a partir das considerações do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty sobre a percepção. Faz-se uma revisão crítica das concepções clássicas de alucinação fundamentadas em epistemologias objetivistas e a contextualização do fenômeno alucinatório no âmbito de uma ontologia existencial. A alucinação funda-se no solo primordial de experiência pré-reflexiva do corpo fenomenal e é caracterizada por: (1) diferenciação intrínseca da alucinação em relação à percepção; (2) expressão do corpo próprio; (3) despersonalização. As implicações dessa nova perspectiva do fenômeno alucinatório são discutidas nos níveis ontológico, ético e epistemológico, bem como sob o ponto de vista da psicoterapia e da psicopatologia. Nesse último aspecto considera-se o lugar da alucinação em relação ao sonho, ao delírio e à ilusão, bem como a diferenciação entre normalidade e patologia a partir de uma abordagem fenomenológico-existencial em psicologia.

Palavras-chave: Alucinação, corpo fenomenal, temporalidade, fenomenologia, psicopatologia

* O artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica “O conceito de alucinação em Merleau-Ponty e suas implicações para a clínica psicológica” financiada pela Fapesp (processo 99/10427-2) e orientada pelo Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Júnior. Esse texto é uma versão expandida de uma comunicação apresentada na mesa-redonda sobre Fenomenologia do VIII Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo (SIICUSP), em novembro de 2000.

O presente texto visa considerar e discutir o conceito de alucinação nos campos psicopatológico e psicoterápico a partir das contribuições teóricas da análise fenomenológica do ato perceptivo empregada pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty em sua clássica obra *Fenomenologia da Percepção*. Essa articulação é buscada para a fundamentação da alucinação em bases fenomenológico-existenciais no âmbito da técnica psicoterápica, bem como para uma discussão das limitações de suas noções clássicas no âmbito ontológico e epistemológico.

É sabido que Merleau-Ponty faz a sua análise da percepção a partir da interface com a ciência psicológica e psiquiátrica de sua época. A discussão com esses saberes é feita com o interesse de buscar uma fundamentação do conhecimento a partir do referencial fenomenológico. Sua teorização, portanto, se encontra no campo da epistemologia. É contra a epistemologia objetivista, com a sua dupla face empírico-idealista, e na mais pura investigação fenomenológica, ou seja, na tentativa de articular e superar esse impasse, que o filósofo desenvolve o seu trabalho. Merleau-Ponty vai fundamentar sua original perspectiva fenomenológica no campo de uma ontologia da existência, trazendo a metafísica do nível transcendental para a própria experiência perceptiva do homem. A descrição do fenômeno perceptivo aponta para uma vida de consciência fundamentada no horizonte da experiência corporal pré-reflexiva. Experiência essa que é constitutivamente ambígua, delimitando uma apreciação não-causal da dinâmica da vida de consciência. Apresenta-se, portanto, a necessidade de desenvolvimento de uma categoria explicativa não-determinista em oposição à *causa*, um constructo empírico, e à *razão*, constructo idealista. Essa categoria é denominada pelo filósofo de *motivo* e diz respeito a uma análise do *sentido*. Os sentidos são significações múltiplas que emergem enquanto motivos, ou seja, são validados posteriormente enquanto condições de uma atitude. Não são, portanto, explicações deterministas e unidirecionais, mas a expressão compreensiva de uma situação. A elaboração

do *motivo* enquanto categoria de entendimento é fruto do esforço do filósofo em transcender as dicotomias objetivantes na compreensão da experiência humana. Merleau-Ponty vai identificar o motivo já na própria experiência perceptiva, fundamento de toda possibilidade de conhecimento e solo da existência pré-reflexiva:

Ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente. (...) Convergência e grandeza aparente não são nem signos nem causas da profundidade: elas estão presentes na experiência da profundidade assim como o motivo, mesmo quando não está articulado e posto à parte, está presente na decisão. (...) O motivo é um antecedente que só age por seu sentido, e é preciso acrescentar que é a decisão que afirma esse sentido como válido e que lhe dá sua força e sua eficácia. Motivo e decisão são dois elementos de uma situação: o primeiro é a situação enquanto fato, o segundo a situação assumida. Assim, um luto motiva minha viagem porque ele é uma situação em que minha presença é requerida, seja para reconfortar uma família aflita, seja para prestar ao morto as “últimas homenagens”, e, decidindo fazer esta viagem, eu valido esse motivo que se propõe e assumo essa situação. Portanto, a relação entre o motivante e o motivado é recíproca. Ora, tal é exatamente a relação que existe entre a experiência da convergência, ou da grandeza aparente, e a experiência da profundidade. Elas não fazem, a título de “causas”, a organização em profundidade aparecer miraculosamente, mas tacitamente elas a motivam enquanto já incluem em seu sentido e enquanto já são, uma e outra, uma certa maneira de olhar à distância. (Merleau-Ponty, 1994, p. 348-9)

Uma vez situada e resumida em grandes linhas a proposta de Merleau-Ponty, pode-se agora apresentar e analisar a conceituação de *alucinação* no campo do saber psicológico e psiquiátrico a partir de suas bases epistemológicas. Tanto a psicologia clássica quanto a psiquiatria utilizam-se de um referencial objetivo na validação da percepção, ou seja, a noção costumeira de que a alucinação é uma *percepção sem objeto*. Tomando como ilustração Pierón, a alucinação seria definida como uma:

Perturbação psicossensorial correspondente à projeção de fenômenos subjetivos no campo objetivo, caracterizados por:

- 1º) qualidade sensorial do fenômeno;
- 2º) espacialidade;
- 3º) crença errônea na existência do estímulo sensorial. (Pierón, 1996, p. 20)

É com esses critérios objetivos que se pode identificar a alucinação e suas variações.¹ A alucinação é determinada por uma *razão* endógena e é verificada por um critério empírico. Nota-se, portanto, a epistemologia objetivista por trás dessas

1. Como, por exemplo, a *alucinose*, na qual falta a crença errônea na existência do estímulo sensorial, e a *pseudo-alucinação*, na qual há a ausência de projeção no espaço da percepção.

conceituações. Essa visão está alinhada com o interesse de *previsão* e *controle* da psicologia acadêmica clássica e da psiquiatria organicista. Contudo, esse referencial é bastante limitado no que diz respeito ao interesse *compreensivo* e *estético*² característico de teorizações nascidas no campo da clínica. Não é por acaso que o entendimento da alucinação sofre uma revisão justamente naquela teoria que inaugura o campo do atendimento psicoterápico, a psicanálise.

A revolução copernicana instaurada pela psicanálise freudiana não só trouxe sérios impasses a uma filosofia da consciência, mas também aos critérios de diferenciação entre objetividade e subjetividade. As articulações entre a realidade e fantasia, expressas, entre outros, pelo conceito de *realidade psíquica* são campos de pesquisa extremamente produtivos na psicanálise contemporânea. Não cabe aqui retomar essa trama de conceitos em profundidade, muito menos articulá-la exaustivamente às questões que aparecem na prática clínica. O fato é que várias correntes da psicanálise contemporânea pesquisam referenciais teóricos e articulações que dêem conta desse campo intersubjetivo que se configura em um atendimento psicoterápico.³

A teorização metapsicológica de Freud trata da questão da *alucinação* desde os estudos sobre a histeria, no início da psicanálise. O referencial que se instaura desde então, sendo sistematizado no “Projeto para uma psicologia científica” e retomado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, é o da *satisfação alucinatória do desejo*, baseado nas noções de *vivência de satisfação* e *prova de realidade*. De forma resumida e esquemática, trata-se da revivência de uma situação prazerosa por meio de um investimento pulsional regressivo do sistema *Perc.-Cs.*, burlando a prova de realidade. Esse modelo serviu para a compreensão das alucinações conversivas das histéricas, para o mecanismo onírico e para as alucinações positivas em geral. O mecanismo da alucinação, portanto, confunde-se com a própria natureza do aparelho psíquico: a busca de vivência de satisfação. Com os desenvolvimentos e reformulações metapsicológicos instaurados a partir da noção de narcisismo, um segundo modelo de alucinação se configura na teorização freudiana. Trata-se do modelo da *recusa da realidade*, trabalhado em textos como “O fetichismo” e “A negação”. Nesse caso, uma percepção angustiante – cujo protótipo é a descoberta da castração da mãe – não é reconhecida enquanto percepto. Dá-se, então, a *recusa* ou *denegação* (*verleugnung*). Nessa situação o Ego cede ao desejo do Id em detrimento da realidade. É, pois, o protótipo da alucinação negativa.

2. A diferenciação entre diferentes interesses éticos que permeiam os pressupostos ontológicos e epistemológicos dos variados campos teóricos do saber psicológico é uma articulação de Figueiredo, 1995.

3. Cf., por exemplo, a proposta de *realidade clínica* feita por Coelho Júnior, 1995.

O campo inaugurado por essas conceituações de alucinação, aliado ao método interpretativo da psicanálise, possibilitou uma análise do *sentido* desses fenômenos no contexto da história pessoal de um ser desejante. A percepção sem objeto, antes encarada como uma falha e um erro, torna-se alvo de uma investigação das vicissitudes da pulsão e um meio de compreensão da vida simbólica. Vê-se, portanto, o potencial heurístico desse modelo no campo da psicoterapia e a revolução dessa teorização em relação à visão clássica. Contudo, se isso é verdade no âmbito da prática clínica, o mesmo não se pode dizer no âmbito epistemológico da metapsicologia freudiana. Retomando os modelos anteriormente expostos, percebe-se facilmente a tentativa de explicação causal e energética na forma de um modelo dinâmico universal de um aparelho psíquico e de um desenvolvimento psicosssexual que, a partir da reconstrução *a posteriori* de uma história de vida, chegue à etiologia dos sintomas e do quadro psicopatológico. Se na clínica a interpretação, a configuração de sentidos e a atualização constante de potenciais simbólicos imperam, na teoria há uma descrição de cunho cientificista, nos moldes da epistemologia objetivista que o campo prático destituía. Essa crítica à ambigüidade da psicanálise freudiana no nível epistemológico e ético foi desenvolvida com relação ao campo da teoria psicanalítica desde, pelo menos, Politzer (1998). É no âmbito da fundamentação epistemológica e ontológica que dê conta dos sentidos que emergem na situação clínica sem recorrer a modelos objetivantes que a fenomenologia de Merleau-Ponty se mostra uma fonte enriquecedora. A articulação aqui buscada se dá pela via da alucinação, enquanto fenômeno privilegiado para o entendimento das relações entre subjetividade, intersubjetividade e objetividade, bem como para o entendimento das concepções de normalidade e de patologia.

Para entender o fenômeno alucinatório em Merleau-Ponty, é necessário retomar brevemente sua concepção do ato perceptivo, fundamentada na noção de intencionalidade do corpo fenomenal. A descrição fenomenológica da percepção realizada pelo filósofo mostra que a consciência reflexiva é precedida e significada por um ser primordial antepredicativo e inacabado. Essa camada do ser é imanente à existência, porém incognoscível pois é a própria condição para o conhecimento. O ser é potencialidade de um horizonte de experiências possíveis. Horizonte esse configurado pelo campo de experiências perceptivas de um corpo fenomenal. Essa é a tese fundamental de Merleau-Ponty.

A percepção é uma experiência motivada e pré-pessoal, descrita por Merleau-Ponty como *comunhão* ou *coexistência*. Não é o sujeito que cria o mundo ou o objeto que se inscreve no ser. Eu e mundo, sujeito e objeto, atualizam-se e articulam-se em um campo de experiências para além da perspectiva dicotômica. Daí o termo *comunhão* ou *coexistência*: ser e mundo estão mutuamente implicados em uma dinâmica de reconhecimento e reencontro, determinada não por um ou por outro, mas pelos dois em sua relação. Tem-se, portanto, um imbricamento entre sujeito e objeto

aquém da diferenciação clássica que se instaura no campo da consciência reflexiva. O ser é, antes de tudo, um ser-no-mundo, e não pode ser pensado fora dessa configuração. Toda essa argumentação é derivada de um conceito-chave na fenomenologia: a intencionalidade. Merleau-Ponty retoma esse conceito para analisar a dinâmica do ato perceptivo, passando de uma consciência intencional para uma intencionalidade sensorial. A sensação é intencional e, como tal, transcende o corpo psicofísico. A percepção é sempre a percepção de algo, e nesse ato tem-se não só o sujeito, mas também um objeto intencional. O mundo se revela ao ser, reencontra-se na dinâmica do ato perceptivo: o corpo é uma potência que nasce em conjunto com um meio e se sincroniza com ele. A *intencionalidade operante* do ato perceptivo caracteriza-se por sua parcialidade e inacabamento, pois a percepção redescobre o seu objeto intencional em uma das perspectivas possíveis, ou seja, a percepção sempre se dá a partir de um lugar concreto. Mais ainda, caracteriza-se por um duplo movimento de prospecção e retrospecção, isto é, o ato perceptivo avança em direção a algo para além de si, mas encontra um objeto já dado e sempre ali. Em suma, a intencionalidade do ato perceptivo resulta na configuração de um campo: a sensação se abre em uma certa perspectiva de mundo, inaugurando-o e sendo por ele inaugurada. Para além do ponto de vista há um horizonte de percepções ao qual se pode ter acesso por uma espécie de contato primordial no qual a potência de sentir pode reencontrar o objeto sensível. Tem-se aí a base da crítica do pensamento de sobrevôo e o germe da instauração de uma esfera imanente da experiência que garanta a possibilidade de conhecimento.

A intencionalidade do ato perceptivo revela a configuração de um campo de perspectivas que se intercalam e se interpenetram, garantindo o reconhecimento do mundo. Porém, é preciso que essas perspectivas se organizem a partir de uma determinada abertura aos fenômenos e que essa mantenha uma certa solidez. O lugar onde se desenvolve a experiência pré-reflexiva do ato perceptivo nada mais é do que o próprio corpo, entendido como um corpo fenomenal. Trata-se da noção de esquema corporal, porém entendida no seu aspecto existencial. É a sinergia de nossos sentidos e sua capacidade de transposição sensorial que garantem a possibilidade de síntese desse corpo em uma potência gestual que seja a expressão da intencionalidade operante. Nosso corpo fenomenal tem essa capacidade não-tética de transitar pelos diversos níveis espaciais, tal como transpomos automaticamente uma melodia de um tom para outro sem conhecer as regras musicais. A intencionalidade do ato perceptivo, expressa através do corpo fenomenal, configura o nosso meio existencial. É dessa forma que o filósofo define a espacialidade. Sentido, espacialidade e esquema corporal convergem para o princípio ontológico do *ser-no-mundo*. A espacialidade é imanente, é um estar com as coisas e com os outros por meio desse diálogo antepredicativo que é a percepção.

O ser-no-mundo, contudo, não é definido apenas pela espacialidade. Ele é, também, temporal. Merleau-Ponty derivará a temporalidade da dinâmica da intencionalidade. Como foi visto, o ato perceptivo é prospectivo e retrospectivo. Ele traz em si o passado e o futuro, como horizontes de um presente sempre retomado. Mais ainda, a temporalidade é a própria síntese perceptiva, ou seja, a articulação entre as várias perspectivas que se abrem para a consciência perceptiva é uma dinâmica temporal. Porém, como foi visto, é essa síntese perceptiva, nomeada por Merleau-Ponty de uma *síntese de transição*, a responsável pela configuração do espaço. Portanto, a espacialidade é tributária da temporalidade. A temporalidade é o aspecto mais característico da existência, tese que é fundamental em diversas teorias de inspiração fenomenológico-existencial, como em Heidegger e Minkowski, por exemplo. No caso de Merleau-Ponty, podemos resumir sua descrição dizendo que *espaço, tempo e causalidade* são todas funções e desdobramentos de uma função primordial da existência: a intencionalidade de nosso corpo fenomenal. Esse campo fundante do conhecimento é a função existencial do *arco intencional*, que se confunde com o próprio campo perceptivo e sua dinâmica.

Uma vez abordados os conceitos estruturantes de uma teoria de percepção em Merleau-Ponty e suas relações existenciais e epistemológicas, pode-se agora descrever o fenômeno alucinatório a partir dessa concepção. A primeira afirmação de Merleau-Ponty que diz respeito ao fenômeno alucinatório opõe-se radicalmente aos preceitos clássicos do realismo ingênuo: *a diferença entre percepção objetiva e alucinação é intrínseca ao ato perceptivo*. Ou seja, o alucinado tem noção da irrealidade de sua alucinação. Ele a diferencia da percepção normal pela sua solidez e pelo seu sentido. O alucinado não acredita na realidade de sua alucinação, tanto que normalmente as contestações objetivas de suas percepções não o incomodam. Da mesma forma, a alucinação não é sentida como um fato objetivo, tão nítido quanto a realidade. Um testemunho que ilustra muito bem esses aspectos é o de Renée, paciente de Madame Séchéhayé no livro *Memórias de uma Esquizofrênica*. Nele se percebe o quanto a alucinação é sentida como uma distorção na configuração existencial do espaço e sentida com terrível angústia. Mais ainda, revela como a alucinação, mesmo destituída de uma espessura intersubjetiva, se mostra distinta de uma percepção objetiva. Ou seja, a alucinação é uma expressão existencial da configuração de mundo do paciente. Mostrar a experiência da loucura e a vivência alucinatória a partir do ponto ambíguo em que eu e mundo se estranham e se confundem é o mérito desse relato:

Localizei-o à minha direita. Mas não o via nem o ouvia. No entanto respondia-lhe, enfurecia-me com o que dizia. (...) Ora, com toda sinceridade, não via ninguém, não ouvia voz nenhuma. Mas tampouco era o vazio nem o silêncio. Havia considerável diferença entre essa parte do quarto e as outras. Aquele canto à direita possuía vida, personalidade. Havia alguém muito real ali, ao mesmo tempo que ali estava vazio. (Séchéhayé, 1950, p. 89)

Dizer, porém, que o alucinado diferencia a alucinação da percepção não significa que ela seja tomada como uma falsidade, mas apenas que os critérios objetivos são insuficientes para descrevê-la em profundidade. Se a alucinação não tem uma validação objetiva, no sentido de ser apenas uma percepção falha, ela tem um valor existencial. É um fenômeno expressivo da existência, como qualquer *gesto* intencional, e, como tal, é provida de *sentido*. Ela é expressão da condição existencial do ser-no-mundo. Condição essa que se configura como um *estreitamento do espaço vivido*. Em outras palavras, a capacidade de habitar o mundo e transitar entre suas perspectivas encontra-se prejudicada. O homem, em vez de reencontrar o mundo em sua espacialidade, habita um espaço de *paisagem*. Espacialidade mórbida essa que é paradoxalmente rígida e tênue: perspectivas privilegiadas tomam o lugar do trânsito temporal, conformando uma paisagem artificial, porém sufocante. Com o espessamento de certos temas existenciais – o enrijecimento dos sentidos – há uma paralisia no intercâmbio comunicativo do ser-no-mundo, destituindo-o de sua potencialidade criativa. O espaço se estreita, é transbordado por uma temática existencial que imobiliza a existência. Como se pode ver, a potência perceptiva se efetiva de forma desarticulada na alucinação. A comunicação intersensorial e intersubjetiva encontra-se prejudicada pela distensão do arco intencional. Como o arco intencional nada mais é do que o corpo fenomenal em sua intencionalidade, o fenômeno alucinatório é, antes de tudo, uma *alucinação do corpo próprio*. Em outras palavras, toda alucinação se dá na e pela expressão do corpo fenomenal. O entendimento da alucinação enquanto expressividade do corpo fenomenal e, portanto, não como um fenômeno puramente simbólico ou representacional é o segundo ponto fundamental da concepção de alucinação no pensamento de Merleau-Ponty.

Seguindo o caminho aberto pela consideração da alucinação enquanto manifestação corpórea, Merleau-Ponty conclui que ela se trata de uma conduta do corpo fenomenal *despersonalizada* e apreendida na forma de uma experiência exterior: o gesto próprio é tomado como de outrem. A alucinação da potência perceptiva rompe com a dinâmica da comunhão pré-reflexiva e possibilita a projeção da conduta no mundo externo ou no outro. O termo projeção ganha aqui uma conotação completamente diferente de sua acepção objetivista, ou mesmo metapsicológica. Não se trata de um conteúdo interno projetado para fora, mas de uma configuração existencial na qual a própria objetividade se perde pela falência do contato intersubjetivo. É preciso aqui lembrar que a abordagem fenomenológico-existencial redimensiona também a relação entre interno e externo, de forma que a linguagem ou a imagem é tomada como gesto expressivo no contexto de um campo intersubjetivo. A descrição psicanalítica clássica criticada por Merleau-Ponty é a da projeção de um componente condenável do ego para um outro e com isso obtendo a redução de um conflito psíquico. Mas Merleau-Ponty não vai se ater aos aspectos

psíquicos e individuais da alucinação, mas sim à função da linguagem enquanto forma de intersubjetividade. Não há um representante que é delegado de um sujeito para outro, mas uma falha de contato na qual a antecipação pré-reflexiva do outro está suplantada pela temática privada. Ser e mundo são indissociáveis e qualquer oscilação nas condutas existenciais tem reflexo no espaço e no outro. Uma passagem mostra claramente a interpretação fenomenológico-existencial de Merleau-Ponty ao se apropriar da descrição psicanalítica dos fenômenos projetivos:

Assim, eu e outro não somos duas substâncias distintas uma da outra. O outro é quem lhe libera de minha própria ambivalência: somos, ele e eu, duas variáveis de um mesmo sistema. Por um mecanismo de projeção eu lhe atribuo qualidades que na realidade são minhas e, inversamente, por introjeção, considero como próprias, qualidades que são suas. (...) A função da linguagem é só um caso particular da relação geral do eu com o outro, que é a relação entre duas consciências das quais cada uma se projeta na outra. (Merleau-Ponty, 1990a, p. 65)

Para o filósofo, esse mecanismo levado ao extremo conduziria à alucinação. O alucinado anteciparia de tal forma a fala do outro que chegaria a adotar diante de suas próprias falas uma atitude receptiva. Assim, é no campo da linguagem enquanto particularidade da relação intersubjetiva e enquanto forma expressiva que a alucinação verbal precisa ser entendida. A fala é um sistema comunicativo e a alucinação não é uma relação entre sujeito e objeto, mas uma relação de ser: "... existo pela linguagem em relação ao outro" (Merleau-Ponty, 1990a, p. 66). Assim, é toda uma dinâmica existencial que se expressa nessa conduta despersonalizada emblemática que é a alucinação. Não há sujeito ou objeto, mas campo intersubjetivo; não há representação ou significado, mas expressão de sentido. Não há nada por trás ou para além do manifesto. Seu sentido não remete a uma outra natureza, apenas explicita uma forma de ser. O sentido existencial da alucinação é como os movimentos de ascensão e queda descritos por Binswanger: todo o ser se move com o fenômeno. Vê-se, portanto, o quanto a teorização da alucinação proposta por Merleau-Ponty se afasta das concepções clássicas, revelando uma compreensão do sentido desse fenômeno a partir de uma ontologia da existência.⁴

4. É interessante notar que a contribuição de Merleau-Ponty ao movimento da psiquiatria existencial não se deu na forma de uma teorização que inspirasse a reflexão sobre a clínica, como no caso de Bergson para Minkowski e Heidegger para Binswanger. Merleau-Ponty desenvolve o seu trabalho no seio desse movimento, utilizando-se das observações desses psiquiatras existenciais para refletir de uma forma mais geral sobre o campo existencial da percepção e da patologia, levantando aspectos para a fundamentação de uma filosofia da concretude, da ambigüidade e da expressão. Dentre os conceitos da psiquiatria existencial retomados por Merleau-Ponty, destacam-se as noções de *tempo vivido*, *direção de sentido*, *atitude psicoterapêutica*, *estritamento de espaço*

A partir do que já foi colocado e desenvolvido, pode-se afirmar que a conceituação do fenômeno alucinatório no pensamento de Merleau-Ponty está perfeitamente alinhada com a essência do enfoque da psiquiatria existencial da sua época. Em resumo, pode-se dizer que a alucinação diz respeito a uma desarticulação da comunhão intersubjetiva pela fixação em uma única perspectiva, criando um espaço de paisagem que será reconhecido como uma manifestação exterior por intermédio de uma conduta despersonalizada do corpo fenomenal. Essa “percepção”, contudo, carece de espessura, pois a objetividade é garantida pelo intercalamento das perspectivas temporais. Sua estrutura, portanto, é intrinsecamente distinta da percepção dita normal, o que de maneira alguma esvanece o seu sentido. A alucinação é a expressão existencial de uma fixação da dinâmica temporal.

Posto o conceito de alucinação e sua diferenciação em relação à estrutura da percepção, convém ressaltar que a alucinação, o delírio e a ilusão são possíveis porque a própria percepção traz o seu germe. Como foi visto, o campo pré-reflexivo configurado pelo ato intencional de percepção é, por definição, ambíguo. A percepção é um momento de um horizonte de potencialidades e sua realidade é dada por essa crença primordial no mundo que as condutas corporais asseguram e reafetam constantemente. A existência, portanto, é ambígua. O real e o ilusório são possibilidades do sujeito perceptivo. Toda a possibilidade de conhecimento está assentada em uma ilusão fundante, expressa por meio da noção de *fé perceptiva*. Em outras palavras, o que nos diz Merleau-Ponty é que o sentido da realidade se baseia em uma capacidade criativa do ente enquanto um ser-no-mundo cujo lançamento na trama intersubjetiva se dá por intermédio da corporeidade. Com isso, se percebe o quanto a alucinação e a percepção expressam a estruturação de um solo comum: o corpo fenomenal entendido como o lugar existencial do ser-no-mundo; seu *ethos*.⁵

vivido e corpo vivido, entre outras. Trata-se, portanto, de uma obra rica de articulações com a psiquiatria existencial, fundamentando-a em reflexões sobre aspectos ontológicos, éticos e epistemológicos.

5. Uma outra interlocução constante na obra de Merleau-Ponty é com a psicanálise, em sua vertente freudiana. Em seus cursos na *Sorbonne*, discutiu também sobre as contribuições de Melaine Klein. Contudo, aqui os leitores de Winnicott encontrarão uma certa familiaridade com o discurso do filósofo: a ilusão como condição para a realização e o lugar da experiência corporal intersubjetiva para o sentido de continuidade do ser. Apesar de Merleau-Ponty não haver conhecido o trabalho de Winnicott, ambos partilham de um mesmo movimento de crítica da atitude metafísica – atitude da qual a metapsicologia é um rebento – e afirmação do campo fenomenal. Nesse caso passa-se para uma consideração ontológica e ética fundamentada na concretude. Na afirmação de que o corpo é uma abertura para o mundo encontramos não só ressonâncias de uma filosofia merleau-pontiana ou heideggeriana, mas também de uma psicanálise que procura superar a dualidade interno e externo por meio da afirmação de um campo relacional cujo protótipo é a mãe e o bebê.

A partir da contribuição teórica de Merleau-Ponty pode-se definir não só a particularidade de sua conceituação do fenômeno alucinatório, mas também apresentar a fundamentação ética, ontológica e epistemológica do enfoque fenomenológico-existencial em psicopatologia. Enfoque esse que fundamenta várias mudanças de concepção e atitude na prática clínica. A primeira implicação para a clínica psicológica que se pode extrair dessa abordagem é o *alargamento da noção de alucinação* trazido pela perspectiva fenomenológica. Como foi visto, a alucinação é uma conduta expressiva, motivada por um movimento geral da existência que não pode ser apreendido logicamente ou de forma representacional. A alucinação só pode ser explicada em seu *sentido* existencial, tal como qualquer outra manifestação do indivíduo, incluindo-se aí suas condutas patológicas. Assim, alucinação, sonho, delírio e ilusão estão intimamente relacionados enquanto fenômenos expressivos da existência. Sob a ótica da fenomenologia de Merleau-Ponty e longe dos determinantes objetivos que os definem classicamente, alucinação e delírio devem ser entendidos na ambigüidade intrínseca ao corpo e à temporalidade. São manifestações da estrutura primordial da existência enquanto intencionalidade enrijecida. Cortando os fios intencionais com o mundo e com a experiência intersubjetiva, o sujeito perde toda a significação em seu gestos. Isso é verdade também para a fala: o sujeito transborda todo o seu ser na atmosfera mórbida e faz da relação intersubjetiva uma relação de si para si, projetando em um outro imaginário sua própria potência comunicativa abstraída e desubstancializada. Despersonalizando-se, o sujeito alucina e a alucinação é resultado da estrutura mórbida da existência. A compreensão da alucinação, portanto, estende-se a um campo fundante da experiência. Dessa forma, a estrutura e o sentido da alucinação remetem, invariavelmente, à temporalidade, à espacialidade, à potência intencional, ao corpo e ao outro.

A perspectiva aberta pela instauração do primado de um campo pré-reflexivo de experiência traz consigo a consideração de dois aspectos de suma importância na prática clínica: a *intersubjetividade* e a *alteridade*. Esse problema é particularmente visível na questão da alucinação. A alucinação revela toda a alteridade de uma experiência que não é compartilhada de forma direta e não é assimilável a categorias racionais. Tem-se, por um lado, a análise explicativa objetivante com todas as suas limitações, e, por outro, o anúncio de uma postura relativista e puramente estética, na qual a intervenção psicoterápica é mínima. O entendimento da alucinação em Merleau-Ponty, entretanto, não se insere em nenhum desses extremos. A possibilidade de comunicação não está impedida nessa perspectiva. Na verdade, ela é sempre

garantida. A experiência intersubjetiva não está excluída do fenômeno alucinatório. Os postulados ontológicos do pensamento do filósofo afirmam que não há ser isolado do mundo e dos outros, uma vez que o ser-no-mundo é uma unidade inexpugnável. O outro está sempre indicado no horizonte de perspectivas do indivíduo e na capacidade de retomá-lo. Essa capacidade de comunhão, contudo, está em crise na patologia. O fenômeno alucinatório está no espaço da paisagem e, portanto, não se comunica completamente com o campo intersubjetivo. É a partir dessa configuração inicial que a compreensão do fenômeno alucinatório deve partir e de onde a possibilidade do encontro entre duas pessoas em um processo terapêutico se anuncia.

Colocada a possibilidade de uma configuração intersubjetiva que possibilite a compreensão do fenômeno alucinatório na prática clínica, resta agora precisá-lo. Trata-se de uma atitude que não se refere apenas à alucinação, mas à análise do sentido em geral, uma vez que a alucinação é uma conduta expressiva como qualquer manifestação humana. O que poderíamos chamar do encontro entre duas subjetividades no contexto de um atendimento psicoterápico deve ser pensado como reconhecimento e acolhimento dos atos expressivos em sua significação motivada existencialmente, isto é, em seu sentido. Essa atitude requer um desprendimento dos conteúdos representacionais e téticos da análise reflexiva, pela apreensão da experiência do outro naquilo que ela desperta na experiência própria, compreendendo uma pela outra. Dessa forma, a significação e o sentido são entendidos como emergentes do campo constituído no encontro existencial.

Uma última implicação para a clínica psicológica pode ser derivada do estudo da abordagem fenomenológica da alucinação efetuada por Merleau-Ponty. Trata-se da revisão da diferenciação entre o *normal* e o *patológico*. Como foi visto, a compreensão da experiência alucinatória só pode partir da situação em que se encontram e se interpenetram, cada um na sua especificidade, o “normal” e o “doente”. Há, portanto, uma gama de experiências que se comunicam mutuamente, na qual tanto a experiência “normal” como a “patológica” expressam igualmente uma condição existencial. Pelo que foi colocado com relação à experiência alucinatória, pode-se dizer que a normalidade e a patologia são diferenciadas pelo grau de capacidade em transitar temporalmente entre as diversas perspectivas e pelo poder de se dissolver na objetividade. Objetividade essa que é garantida pelo respaldo encontrado no mundo intersubjetivo. Na ótica da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, a normalidade e a patologia na alucinação se confundem com a própria comunicabilidade intercorpórea:

... o sujeito normal seria aquele que só aceitaria tornar-se verdadeiramente ele mesmo em contato com o outro, aquele que reconheceria a qualidade enriquecedora da discussão; o sujeito anormal seria aquele que recusaria essa dialética do eu, que se obstinaria em só considerar a linguagem como uma espécie de lógica abstrata, que

permanecendo, contudo, consciente dessa dualidade ver-se-ia impulsionado a reportar a um outro imaginário um dos termos da contradição. (Merleau-Ponty, 1990a, p. 66)

O grau de “saúde” aqui colocado, definido pela potencialidade temporal, só pode ser apreendido no seio de uma epistemologia compreensiva e qualitativa, na qual o *motivo* comparece como categoria de entendimento e o *sentido* como meio de expressão existencial. Tem-se, portanto, uma relativização dos conceitos de normalidade e patologia em detrimento de uma aceção normativa e quantitativa, tal como concebida por teorias psicológicas de cunho objetivante e com interesse de previsão e controle.

A partir do tema privilegiado da alucinação, pôde-se perceber o alcance de uma análise fenomenológica da percepção no campo da teorização e da prática clínicas, revelando a importância da compreensão existencial do indivíduo que normalmente se coloca como um “paciente em terapia”. O recurso ao referencial filosófico de Merleau-Ponty fornece ao psicólogo subsídios ontológicos e epistemológicos para repensar esse campo intersubjetivo que se configura na clínica, bem como o interesse que se posiciona por trás das técnicas de abordagem do fenômeno alucinatório, em particular, e “patológico”, em geral. É, portanto, no campo da fundamentação da prática e na possibilidade de articulações com teorizações mais voltadas para a concretude da experiência clínica que se revela toda a riqueza do pensamento de Merleau-Ponty para o estudo das psicopatologias. Essas inúmeras considerações, aqui indicadas de forma introdutória, articuladas, por um lado, a toda uma tradição psiquiátrica existencial – em que se incluem Minkowski e Binswanger, entre outros – e, por outro, a um desenvolvimento da psicanálise no sentido de uma valorização do aspecto relacional – do qual Winnicott é uma figura importante –, são um rico campo de estudos ainda em desenvolvimento.

Referências

- BINSWANGER, Ludwig. *Being-in-the-world: collected papers of Ludwig Binswanger*. London: Souvenir Press, 1975.
- COELHO JR., Nelson E. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. *Matrizes do pensamento psicológico*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRAYZE-PEREIRA, João A. A questão da ilusão: Winnicott através de Merleau-Ponty. In: CATAFESTA, I. F. M. (Org.). *D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo*. São Paulo: Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, 1996. p. 47-58.
- FREUD, Sigmund. A negativa. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XIX.

- ____ Fetichismo. In: *ESB*, op. cit. v. XXI.
- ____ Projeto para uma psicologia científica. In: *ESB*, op. cit. v. I.
- LOPARIC, Zeljko. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. In: CATAFESTA, I. F. M. (Org.): *D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo*. São Paulo: Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, 1996. p. 21-45.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ____ *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: 1949-1952: filosofia e linguagem*. Campinas: Papirus, 1990a. v. 1.
- ____ *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990b.
- MINKOWSKI, Eugène. *Lived time: phenomenological and psychopathological studies*. Evanston: Northwestern University Press, 1970.
- PIÉRON, Henri. *Dicionário de psicologia*. 10 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1996.
- POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.
- SÉCHEHAYE, M. A. *Memórias de uma esquizofrênica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1950.

Resumos

El artículo se propone discutir el concepto de alucinación en los campos psicoterápico y psicopatológico a partir de las consideraciones del fenomenólogo francés Maurice Merleau-Ponty sobre la percepción. Se hace una revisión crítica de las concepciones clásicas de alucinación fundamentadas en epistemologías objetivistas y la contextualización del fenómeno alucinatorio en el ámbito de una ontología existencial. La alucinación se funda en el suelo primordial de la experiencia prerreflexiva del cuerpo fenomenal y es caracterizada por: (1) diferenciación intrínseca de la alucinación en relación a la percepción; (2) expresión del cuerpo propio; (3) despersonalización. Las implicaciones de esa nueva perspectiva del fenómeno alucinatorio son discutidas en los niveles ontológico, ético y epistemológico, bien como desde el punto de vista de la psicoterapia y de la psicopatología. En este último aspecto se considera el lugar de la alucinación en relación al sueño, al delirio y a la ilusión, bien como a la diferenciación entre normalidad y patología a partir de un abordaje fenomenológico-existencial en psicología.

Palabras claves: Alucinación, cuerpo fenomenal, temporalidad, fenomenología, psicopatología

L' article se propose de discuter le concept de l' hallucination dans les domaines psychothérapique et psychopathologique à partir des considérations du phénoménologue français Maurice Merleau-Ponty à propos de la perception. On y

trouve une révision critique des conceptions classiques de l'hallucination fondées sur les épistémologies objectivistes et le phénomène de l'hallucination y est situé dans le cadre d'une ontologie existentielle. L'hallucination s'origine de la base primordiale de l'expérience pré-reflexive du corps phénoménal et se caractérise par: (1) différenciation intrinsèque entre l'hallucination et la perception; (2) expression du corps propre; (3) dépersonnalisation. Cette nouvelle perspective du phénomène de l'hallucination a des implications discutées aux niveaux ontologique, éthique et épistémologique, ainsi que à partir du point de vue de la psychothérapie et de la psychopathologie. À cet égard, sera considéré la place de l'hallucination par rapport au rêve, au délire et à l'illusion, ainsi que la différenciation entre normalité et pathologie dans une approche phénoménologique-existentielle de la psychologie.

Mots clés: Hallucination, corps phénoménal, temporalité, phénoménologie, psychopathologie

This article consists of a discussion on hallucinations related to the field of psychotherapy and psychopathology based on considerations regarding perception presented by the French phenomenologist Maurice Merleau-Ponty. A review of the classical conception of hallucination is presented, placing this phenomenon in the context of existential ontology. Hallucinations are grounded the phenomenal body's pre-reflexive experience, and are characterized by: (1) the inner difference between hallucination and perception; (2) the expression of one's own body; and (3) depersonalization. Consequences of this new perspective for hallucinatory phenomenon are discussed on ontological, ethical and epistemological grounds, as well as from the point of view of psychotherapy and psychopathology. On this latter point, the place of hallucination in relation to dreams, delusions and illusions is considered, as well as the difference between normality and pathology from the point of view of an existential approach in psychology.

Key words: Hallucination, phenomenal body, temporality, phenomenology, psychopathology